

EXPECTATIVAS E TENSÕES SOBRE A PRESENÇA DE HOMENS EDUCADORES NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UMA BREVE REVISÃO DE ESTUDOS INTERNACIONAIS

Ricardo Gonçalves de Sousa ¹ e Weslei Lopes da Silva  ²

Resumo

Este artigo busca refletir, por meio de uma breve revisão de estudos internacionais, especialmente em países europeus, sobre as experiências e desafios enfrentados por homens educadores em seu exercício profissional na Educação Infantil, que é um ambiente marcadamente feminino em vários países. Ademais, busca-se problematizar a respeito de homens que trabalham com crianças pequenas serem vistos por uma parcela significativa de várias sociedades como sujeitos fora de lugar e que poderiam oferecer algum risco à integridade física e emocional das crianças. Para tanto, em uma pesquisa de cunho qualitativo e tendo como método de pesquisa a análise de conteúdo, foram analisados 100 artigos científicos indexados em várias revistas internacionais, sendo o inglês a língua mais recorrente entre eles. Os resultados apontaram que os homens que trabalham com crianças pequenas precisam romper, de maneira geral, com barreiras subjetivas e sociais para sua entrada e permanência na profissão, ademais de lidarem com expectativas diversas acerca de suas posturas pessoais e profissionais tendo em conta seu gênero. Ainda, não é incomum que sejam vistos com suspeição por vários sujeitos que integram o universo pré-escolar e, por isso, estejam sempre sob vigilância. Ante isso, tais educadores costumam constituir estratégias que buscam, senão blindá-los, mas minimizarem as desconfianças e receios a que estão comumente submetidos.

Palavras-chave: homens educadores, gênero, cuidado, Educação Infantil.

EXPECTATIONS AND TENSIONS ABOUT THE PRESENCE OF MALE PRACTITIONERS IN EARLY CHILDHOOD EDUCATION: A BRIEF REVIEW OF INTERNATIONAL STUDIES

Abstract

This article aims to reflect, through a brief review of international studies, mostly in European countries, on the experiences and challenges faced by male practitioners in their professional practice in Early Childhood Education, which is a place mostly occupied by women in several countries. Furthermore, it seeks to discuss the question when male practitioners are seen, by a significant parcel of various societies, as subjects out of place who could pose some risk to physical and emotional integrity of the children. In accordance with the aim of the study, we carried out a qualitative study having content analysis as method, in which 100 scientific peer-reviewed articles from several international journals were analyzed, having English the most recurrent

¹Doutorando em Educação pela Universidade de Örebro, na Suécia. E-mail: ricardo.goncalves@oru.se.

²Doutor em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUCMG). Professor Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG) e da Faculdade FAMART. Secretário de Educação do Município de Itaúna / MG.



language among them. The results indicate that men who are working with young children need to break their subjectivities and social barriers when they want to join and stay in the profession. In addition to that, the results show that they need to deal with different expectations about their personal and professional attitudes in relation to their gender. Moreover, it is not uncommon that those practitioners are viewed with suspicions by other professionals who share the same spaces in the preschools. Therefore, they are always under surveillance and usually create strategies that seek, if not to shield them, to minimize the mistrust and fears which they are commonly submitted.

Keywords: Male practitioners, gender, care, Early Childhood Education.

1. Introdução

As reflexões sobre a relação entre homens, cuidado e crianças em instituições educacionais têm ganhado força em vários países europeus, com destaque para os países nórdicos como a Suécia e Finlândia após a introdução de reformas políticas relativas à equidade de gênero (EDSTRÖM, 2014; EDSTRÖM; BRUNILA, 2016; NORDBERG, 2005). A partir dos anos de 1970, a Suécia implementou políticas públicas, por meio de projetos de curto prazo, que visavam incluir mais homens em profissões que envolvessem o trabalho de cuidado de crianças pequenas a fim de estimular a equidade de gênero no mercado de trabalho, no qual a Educação Infantil é tradicionalmente uma área predominantemente ocupada por mulheres (WERNERSSON, 2016).

Nesse sentido, diversos estudos têm colocado em pauta questões sobre homens que atuam na Educação Infantil e nas séries iniciais do Ensino Fundamental, dentre as quais aquelas que envolvem as expectativas, os mitos, as representações desses sujeitos (e as que os outros têm sobre eles), bem como os eventos que marcaram suas vidas e que colaboraram na escolha e no modelo profissional apresentado; convertendo esse cenário em um autêntico campo de pesquisa nas últimas duas décadas.

Tanto em algumas discussões acadêmicas quanto em diversas políticas públicas, as relações entre homens e crianças eram muitas vezes reduzidas às questões de paternidade, da licença parental e também a respeito dos direitos dos pais após a separação e o divórcio (HEARN; PRINGLE, 2006). Assim, quando essas pesquisas tinham a Educação Infantil como cenário, diversos estudos internacionais sobre homens que exercem sua profissão nesses ambientes marcadamente femininos, construíam suas reflexões a partir da posição dos educadores como um grupo minoritário em creches e instituições pré-escolares, e refletiam especialmente sobre o papel do homem na Educação Infantil, a respeito de como constroem suas subjetividades e administram expectativas e suspeitas quando adentram nessas escolas.

Segundo vários estudos, é possível inferir que, de maneira geral, há um número reduzido de homens que trabalham na Educação Infantil no mundo em comparação às mulheres. Em uma escala mundial, considerando o valor total de profissionais que atuam na Educação Infantil, 1 a 4% dessa soma corresponde



a profissionais do gênero masculino, sendo que a Noruega, a Turquia e a Dinamarca têm as porcentagens mais altas, mas que não superam 10% do contingente de profissionais que atuam nesse segmento da educação formal (BRODY, 2015; KOCH; FARQUHAR, 2015; PEETERS; ROHRMANN; EMILSEN, 2015).

Durante as últimas décadas, vários países europeus, como a Bélgica, a Suécia, a Noruega e o Reino Unido, criaram planos nacionais com o objetivo de incentivar a entrada de mais homens no universo da Educação Infantil. Esses projetos tiveram como argumento que o aumento de educadores¹ homens poderia contribuir especialmente para equidade de gênero, o que contribuiria para desafiar, e potencialmente transpor, os estereótipos de gênero associados ao trabalho de cuidado dentro da Educação Infantil, que geralmente está associado às mulheres (PEETERS, 2013). Iniciativas desse tipo foram destacadas no relatório “Boas Práticas para Bons Empregos na Educação Infantil” lançado pela OCDE (2019) que demonstra, por exemplo, que a Noruega estipulou uma meta nacional para aumentar em 20% o número de homens que trabalham na Educação Infantil. Tendo estipulado um plano nacional entre 2004 e 2007 com diversos projetos para aumentar o número de homens na Educação Infantil, e apesar de todos os esforços para aumentar o número de homens educadores na Noruega, a média de homens que trabalham nesse contexto não atingiu a marca de 10% em 2015, quando o plano nacional foi finalizado.

Algumas pesquisas internacionais asseveram que há benefícios em se ter equipes de profissionais mistas de gênero na Educação Infantil (MOOSA; BHANA, 2020; WARIN, 2018). Nesse sentido, o engajamento de homens no trabalho com crianças seria uma forma de desconstruir alguns modelos tradicionais e reificados de masculinidades, o que contribuiria para a equidade de gênero, o que beneficiaria a sociedade como um todo. Ademais, a inserção de homens no trabalho que envolve a educação de crianças pequenas poderia contribuir (por meio da desconstrução de estereótipos de gênero em algumas profissões) para a superação de mercados de trabalho segregados, especialmente na docência na Educação Infantil. Nesse sentido, a presença de homens educadores poderia beneficiar também as crianças aperceberem que cuidar e ensinar não estariam associados e nem caberiam a um único gênero.

Em que pese as distintas abordagens nos transcorrer dos anos sobre como os homens educadores de crianças são representados socialmente em vários espaços a partir de um lugar tido muitas vezes como feminino, e sobre como sua formação, experiências e vivências se constroem nesses ambientes, bem como as dinâmicas socioculturais envolvidas em seu exercício profissional, este texto tem como objetivo apresentar uma breve revisão de estudos internacionais sobre a temática e suas possíveis lacunas, a partir artigos publicados em inglês e sueco entre os anos de 2000-2020. Para tanto, a análise de conteúdo foi utilizada como método para poder ordenar, categorizar e interpretar os dados

¹ Utilizamos o termo *educadores* de forma abrangente, tendo em vista que as categorias e nomenclaturas profissionais variam entre países. Abordamos essa questão com mais detalhes na seção que trata da metodologia da pesquisa.



coletados (BENGSSON, 2016), o que contribuiu para se ter uma visão geral sobre a temática, catalogar e entender as principais questões pesquisadas e quais outras possíveis poderiam ser problematizadas a respeito dos homens que atuam na Educação Infantil na atualidade. Em consonância com o objetivo aqui proposto, ao longo do texto buscaremos aprofundar os questionamentos e problematizar a destacada tensão quanto ao papel e lugar de homens educadores na Educação Infantil, isto é, as expectativas socialmente construídas geralmente a partir de uma visão essencialista sobre o que se espera desses homens com base em seu gênero e, ao mesmo tempo, a importância de sua atuação no referido campo, haja vista que tal ruptura com esse modelo poderia contribuir para a construção da equidade de gênero, detidamente nesse campo de atuação. Ademais, buscamos refletir acerca do receio por parte de várias pessoas, especialmente a partir de discursos sobre pedofilia e abuso sexual, de implementar o número de homens que trabalha na Educação Infantil.

2. Referencial teórico

A construção teórica e metodológica adotada é de natureza qualitativa e parte de diversas pesquisas sobre homens e masculinidades visando entender como as noções de masculinidades são construídas socialmente e como podem incidir em expectativas (e receios) sobre o papel do educador homem na Educação Infantil.

Estudos sobre homens e masculinidades surgiram como uma área de pesquisa interdisciplinar na década de 1970, com vistas a estudar os homens e masculinidades a partir de diferentes perspectivas teóricas, em diversas áreas de conhecimento como, por exemplo, a sociologia, a antropologia, a filosofia, os estudos interdisciplinares de gênero, dentre outras (BERGGREN, 2020). Estudos com um enfoque mais histórico, por exemplo, concentram-se na estabilidade, instabilidade e as mudanças nas normas gerais de masculinidade, buscando entender como diferentes normas são expressas e regulam as práticas dos homens ao longo da história (NORDBERG, 2004).

De acordo com Nordberg (2004), os estudos sobre masculinidades, desde seu início, têm estado intimamente ligados às ciências sociais e às políticas governamentais de equidade de gênero, algo nítido no campo acadêmico na Suécia. Na Inglaterra, pode-se dizer que os estudos de masculinidades são mais, inequivocamente, pró-feministas e têm raízes críticas. Nesse sentido, o sociólogo Jeff Hearn destaca essa posição ao usar o termo *estudos críticos sobre homens e masculinidades*. Também nos países nórdicos, os estudos sobre masculinidades se concentram principalmente em buscar tornar rarefeitas as normas de masculinidade hegemônica e em uma mudança na ordem de poder prevalecente de gênero a partir de uma lógica patriarcal e heteronormativa. Assim, os estudos críticos sobre homens e masculinidades são uma área de pesquisa considerada histórica, cultural, relacional, materialista, desestruturativa e não essencial, pois os homens são compreendidos como mutantes, como construções sociais (HEARN; PRINGLE, 2006). Os autores Bjarnegård e Murray (2018), por exemplo, enfatizam que o propósito dessas perspectivas críticas é



levar em consideração as deficiências de uma política de igualdade de gênero que carece de enfoque sobre os homens, especialmente aqueles que fogem à masculinidade hegemônica, a partir de uma referência heteronormativa.

Importante destacar que, para compreender como homens vivenciam lugares culturalmente instituídos como sendo de mulheres, como no caso de educadores que trabalham com crianças, é necessário dar-se conta, primeiramente, de acordo com os estudos de Butler (2003), que o estatuto de pessoa é alcançado socialmente por meio do sexo, porque a própria compreensão do sujeito enquanto pessoa se dá a partir de sua definição como homem ou mulher. Logo, ser pessoa é situar-se no mundo como uma individualidade generificada, pois, "seria errado supor que a discussão de identidade deva ser anterior à discussão de identidade de gênero, pela simples razão de que as pessoas só se tornam inteligíveis ao adquirir seu gênero em conformidade com padrões reconhecíveis de inteligibilidade de gênero" (BUTLER, 2003, p. 37).

Assim, a inscrição do gênero no corpo acontece por meio de uma complexa rede de tecnologias sociais levada a cabo por variadas instituições sociais que têm sua base assentada na ideologia da heterossexualidade (DE LAURETIS, 1994). Dada a apreensão pelas pessoas da diferença corporal em dois sexos, a ação simbólica coletiva atravessada e orientada pela matriz heterossexual busca construir corpos masculinos e femininos por intermédio de normas que orientam o que se pode ou não fazer, sentir ou manifestar corporalmente. Vão sendo demarcadas características corporais a partir do gênero dos sujeitos, outorgando direcionamento nas percepções, ações e usos do corpo em várias perspectivas. Assim, em um processo sócio-histórico, os corpos vão assumindo características que as sociedades lhe consagraram ao longo do tempo, organizando o mundo de forma dual, dividindo-o em masculino e feminino, de maneira hierarquizada, inclusive dentro das mesmas categorias, o que significa pensar que o poder não está só nos homens e que a opressão pode acontecer dentro de um mesmo gênero (VALE DE ALMEIDA, 1996).

Meninos e meninas no transcorrer de suas vidas são socializados distintamente e de forma hierarquizada no empreendimento de satisfazer as expectativas que recaem sobre eles desde quando sabido o sexo ainda no ventre da mãe (BUTLER, 2003). Com o tempo vão aprendendo e assimilando os comportamentos que lhes são esperados e aprovados socialmente mediante a repetição e reiterações contínuas dessas normas, isto é, os sujeitos vão dando ao corpo uma estética de gênero em conformidade com o estabelecido. Dito de outro modo, no corpo e em seus movimentos estão inscritas as marcas diferenciadoras de homens e mulheres, na condição generificada de masculino e feminino.

Para a Butler (2003), portanto, o gênero está diretamente ligado ao corpo, o que significa dizer que a performance de gênero está relacionada a estilos corporais, estando esses submetidos a um sistema de dominação patriarcal. O corpo, pois, é pensado como uma "superfície politicamente



regulada", constituída histórica e socialmente. Nessa direção, as palavras de Butler (2003, p. 200) indicam que:

O gênero é uma identidade tenuamente constituída no tempo, instituída num espaço externo por meio de uma repetição estilizada de atos. O efeito de gênero se produz pela estilização do corpo e deve ser entendido, consequentemente, como a forma corriqueira pela qual os gestos, movimentos e estilos corporais de vários tipos constituem a ilusão de eu permanentemente marcado pelo gênero.

Na mesma direção de como Butler pensa o gênero, Connell (1995), entende a masculinidade como algo relacional, processual e mutável, que é construída, corporificada e mantida por meio das práticas cotidianas. Desta perspectiva, a autora usa o conceito de "masculinidade hegemônica" para teorizar a noção do "homem ideal" que é altamente valorizado na sociedade, especialmente homens brancos, heterossexuais e de classe média. No entanto, é preciso dizer, que tal conceito pode ser problemático para aplicar em estudos sobre homens na Educação Infantil, pois esses homens são considerados um grupo minoritário em um ambiente dominado por mulheres.

Connell (1995) enfatiza, por exemplo, que as práticas relacionadas às mulheres, como o cuidado dos filhos, são menos valorizadas em comparação às realizadas pelos homens. Com base nesse raciocínio, os homens que realizam atividades vislumbradas como femininas, a partir de uma perspectiva construída e reificada socialmente, ocupam uma posição subalterna na sociedade, pois o trabalho pode estar vinculado à feminilidade e à homossexualidade que, dentre outras manifestações de sexualidade se encontram em condição de desvio, dentro de uma lógica heteronormativa.

Masculinidades cuidadoras (do inglês *caring masculinities*) podem ser uma maneira de nomear masculinidades que mais se aproximam aos homens que trabalham em profissões relacionadas ao cuidado de crianças pequenas, segundo Elliott (2016), que usa o conceito para fazer uma conexão entre os estudos de masculinidades e os estudos feministas sobre a "ética do cuidado". Para a autora, as masculinidades cuidadoras indicam "a rejeição da dominação e a integração de valores derivados da esfera do cuidado, como emoção positiva, interdependência e relacionalidade" (ELLIOTT, 2016, p. 252). Por meio das masculinidades cuidadoras, os homens poderiam conscientizar-se e desenvolver habilidades de cuidar por meio de diversas ações, o que o levariam a promover algumas rupturas com a masculinidade hegemônica. O cuidado, à vista disso, seria uma forma de desconstruir as formas tradicionais de masculinidade.

Waling (2019), entretanto, aponta que a masculinidade pode ser teorizada de duas maneiras distintas nas ciências humanas e sociais: uma que lida sobre como a ideia de masculinidade molda os comportamentos e padrões sociais dos homens por meio de práticas discursivas e materiais da subjetividade e das relações de gênero; e uma outra, que examina como os homens mantêm ou rejeitam certos tipos de masculinidades. Dessa forma, a masculinidade poderia ser definida como práticas, comportamentos, atitudes, sexualidades, emoções, corpos, organizações, instituições e todos os tipos de expectativas que estão



culturalmente associadas a pessoas categorizadas como homens (PASCOE; BRIDGES, 2016).

Isto posto, os estudos sobre homens e masculinidades podem contribuir para problematizar as normas em torno dessas categorias e suas consequências sobre os corpos e experiências dos sujeitos, detidamente, aqui no caso, dos homens que atuam em instituições educacionais infantis. Tais reflexões possibilitam compreender como essas normas afetam as práticas dos homens educadores na Educação Infantil, que é um espaço tradicional e majoritariamente ocupado por mulheres em vários países, como o é no Brasil. Portanto, estudos sobre homens e masculinidades podem contribuir para examinar como normas de masculinidades se refletem nas falas e práticas desses educadores em relação ao cuidado de crianças.

3. Metodologia

De natureza bibliográfica, para a investigação de onde parte este artigo foi realizada uma busca sistemática de artigos científicos indexados em duas bases de dados: SCOPUS e ERIC ProQuest, a partir das palavras-chave “homens” e “Educação Infantil”, limitando ao período de janeiro de 2000 a dezembro de 2020. A base de dados SCOPUS apresentou 468 artigos científicos, enquanto ERIC ProQuest alcançou 639.

Durante o processo de busca foram encontrados alguns desafios. Havia várias nomenclaturas usadas, em diversos países e línguas, detidamente inglês e sueco¹, para nomear diferentes categorias profissionais na Educação Infantil. Como, por exemplo (traduzidos para o português), professores de pré-escola, cuidadores, educadores e profissionais da pré-escola². Em inglês, por exemplo, diferentes termos são usados para descrever categorias ocupacionais dentro da Educação Infantil tais como professor, professor pré-escolar, pedagogo, cuidador e profissional da Educação Infantil³. Essa dificuldade também foi destacada por Rohrmann e Brody (2015) ao discutirem os desafios da realização de estudos comparativos sobre homens na Educação Infantil.

Outra dificuldade está relacionada ao conceito de “pré-escola”, que se torna mais problemático quando traduzido para o inglês, visto que a pré-escola e os sistemas educacionais são organizados de muitas maneiras diferentes em cada país (ROHRMANN; BRODY, 2015). Assim, pré-escola em inglês pode significar pré-escola, jardim de infância, primeiros anos, educação infantil e educação e cuidados infantis⁴. Tendo isso em vista, optamos por usar os

¹ Dado que um dos autores vive e realiza uma investigação de doutorado sobre a temática na Suécia, e apesar de se tratar de um estudo internacional em que o inglês seja o idioma de referência e no qual se concentra a grande maioria dos artigos que compõem o escopo da pesquisa, artigos em sueco também foram considerados para esta revisão.

² Traduzido do inglês: *preschool teachers, caregiver, educators e preschool practitioner*.

³ Traduzido do inglês: *teacher, preschool teacher, pedagogue, caregiver e preschool practitioner*.

⁴ Traduzido do inglês: *preschool, kindergarten, Early years, Early Childhood Education e Early Childhood Education and Care*.



descritores “educador homem” e “Educação Infantil” visando abranger mais essas categorias e artigos.

Após realizar a busca, foram lidos os resumos dos artigos a fim de verificar se eles eram relevantes em relação ao objeto pesquisado. O inglês foi o idioma no qual houve mais publicações; no entanto, vários estudos também foram conduzidos em países que não têm o inglês como idioma oficial, como a Suécia, a Turquia, a Alemanha e a Áustria, ademais de outros também não-europeus, como China e Israel. Ante o significativo número de artigos encontrados e, tendo em conta os objetivos da pesquisa, 100 trabalhos foram utilizados para o escopo do estudo a partir de um critério de seleção inspirado no modelo de revisão sistemática PRISMA (MOHER; LIBERATI; ALTMAN, 2009). Assim, durante a triagem, foram lidos títulos e resumos dos artigos para ver se eram relevantes em relação ao objetivo da revisão aqui proposta, ou seja, se abordavam diretamente a temática sobre homens educadores na Educação Infantil. Uma grande parte dos artigos tratava tinham como temática central as categorias de gênero e igualdade de gênero na Educação Infantil, sem se debruçarem especificamente sobre homens educadores nesse contexto da educação formal. Ao mesmo tempo, vários artigos apareciam de formas repetidas quando foi usada diferentes combinações de descritores, por exemplo: homens; pré-escola; homens; Educação Infantil. O resultado final mostrou que a maioria das pesquisas sobre questões sobre homens educadores na Educação Infantil foram publicadas em inglês e um número baixo em sueco, mesmo tendo em vista que algumas pesquisas foram realizadas dentro da Suécia. Considerando os critérios de inclusão e exclusão acima levantados, chegou-se num total de 100 artigos que foram analisados em relação ao objetivo proposto para o presente texto.

Posteriormente, passamos à fase de leitura e análise dos textos em sua íntegra, seguindo os seguintes passos que englobam a análise de conteúdo: a descontextualização, a recontextualização, a categorização e a compilação (BENGTSSON, 2016, p. 8, 9). Tal análise visa buscar e organizar ideias e significados derivados de dados coletados, visando, dessa forma, a conclusões a partir do problema de pesquisa proposto. Na fase de descontextualização, foram anotados o título de cada artigo, seus objetivos, métodos e resultados principais de cada estudo. Na segunda etapa, a recontextualização, buscamos encontrar palavras-chave e passagens em comum nos textos que indicavam qual o foco de cada pesquisa que abordavam a temática sobre homens educadores na Educação Infantil. No processo de categorização, buscamos estabelecer categorias¹ a partir de padrões comuns encontrados no conteúdo dos artigos relacionados aos seus propósitos e métodos. Na etapa de compilação, foram listadas as categorias e criados alguns temas comuns buscando encontrar uma relação entre eles para poder fazer uma análise posterior que levasse aos resultados e discussões. Sendo assim, realizamos uma análise dessas categorias de acordo com os resultados encontrados em pesquisas anteriores em relação com o pressuposto teórico.

¹ Exemplos de categorias: comparação entre educadores e educadoras; expectativas sobre homens educadores; suspeitas e desconfianças sobre homens educadores; feminização da Educação Infantil e pedagogia flexível de gênero.



4. Resultados e discussões

Em uma prévia análise dos estudos internacionais sobre homens educadores na Educação Infantil foi possível identificar dois eixos centrais que os abarcam: a primeira delas trata sobre as expectativas em relação à presença de homens nesse cenário, e a segunda aborda as desconfianças sobre a sua presença e ruídos no exercício profissional com crianças.

4.1 Expectativas em relação à presença de homens na Educação Infantil

Na primeira perspectiva, diversos estudos demonstram que várias noções de masculinidades podem gerar expectativas diferentes sobre os homens que trabalham na Educação Infantil, o que faz com que tais professores precisem negociar suas identidades com base em padrões e normas de masculinidades socialmente construídas (BRODY; GOR ZIV, 2020; SUMSION, 2000). Essas expectativas sobre “como os homens deveriam ser e o que deveriam fazer” são geralmente usadas como argumentos para a justificar e reivindicar a necessidade de se ter mais homens trabalhando na Educação Infantil. Isso tendo como pressuposto uma ideia binária de que homens possuiriam características que seriam complementares ao trabalho exercido pelas mulheres nesse contexto. Ao mesmo tempo, esses homens contribuiriam de forma direta para a equidade de gênero, o que seria positivo para as crianças, visto que conviveriam com a diversidade de gênero entre os educadores. Ao mesmo tempo, essas expectativas poderiam atuar como obstáculos, segundo alguns estudos, o que faz com que muitos homens não busquem ou mesmo rechacem exercer atividades laborais relacionadas ao cuidado de crianças pequenas.

Desta perspectiva, alguns estudos apontam como essas expectativas variam dependendo dos diferentes contextos culturais. Na Suécia, por exemplo, vários estudos mostram como um forte discurso de igualdade de gênero se reflete em um ideal do homem que trabalha na Educação Infantil (NORDBERG, 2005; WARIN, 2016, 2018). Assim, Warin (2016) demonstra em seu estudo que os homens educadores têm um discurso comum sobre a “igualdade entre os educadores e educadoras”. Portanto, anseiam por serem vistos como profissionais que trabalham com crianças e buscam desempenhar sua função com qualidade e eficiência, independentemente de seu gênero. Em suas falas, ressaltam que suas características pessoais e profissionais estão relacionadas às suas personalidades, ou jeito de ser – em suas formas de expressão, sem qualquer relação com os padrões de gênero. Nessa direção, em seus discursos, costumam fazer referência ao currículo de Educação Infantil sueco¹ como uma baliza importante para o devido reconhecimento e respeito sobre sua profissionalidade e o lugar que ocupam no cenário educacional formal.

¹ O currículo de Educação Infantil sueco ressalta a missão das pré-escolas em trabalharem de forma ativa com questões que busquem a igualdade de gênero. Por exemplo, educadores e educadoras devem desenvolver um trabalho pedagógico que favoreça e oportunize que todas as crianças se desenvolvam para além dos estereótipos de gênero, ou melhor, que rompa com os mesmos. (Departamento de Educação da Suécia, 2018).



Tal raciocínio é consistente com o estudo etnográfico de Nordberg (2005) com homens que trabalham em ocupações dominadas por mulheres. A investigação indicou que os ideais do novo homem na Suécia são baseados em uma perspectiva de política de equidade de gênero. Este ideal defende um “novo homem igualitário”, que demonstra e dedica-se ao cuidado com as crianças, o que contribuiria para a ruptura das normas tradicionais de gênero na Educação Infantil, conforme já manifestado. Não obstante, a autora indica que essa noção também poderia ter o efeito oposto, visto que educadores e educadoras podem reforçar e reproduzir normas tradicionais de gênero em suas práticas pessoais e profissionais.

Em instituições de pré-escolas suecas, a título de exemplo, geralmente trabalham três educadores para cada grupo de estudantes, composto geralmente por uma média de 18 crianças. Nesses grupos, quando compostos por profissionais homens e mulheres, não é incomum ocorrer uma divisão de tarefas a partir do gênero dos sujeitos. Os homens educadores tendem a desempenhar atividades vistas como mais técnicas e esportivas, enquanto as educadoras tendem a ficar encarregadas dos trabalhos manuais, como o de pintura e confecção de murais, por exemplo (NORDBERG, 2005; SOUSA; SILVA, 2020).

Nordberg (2005) destaca ainda que educadores e educadoras podem interpretar o trabalho com vistas à equidade de gênero de maneiras diferentes, o que significa que eles/elas correm o risco de tornarem as diferenças visíveis em vez de desafiá-las como, por exemplo, ao escolherem atividades e papéis tradicionais de gênero para seus grupos de crianças; na mesma direção do que aponta Havung (2000) em seu estudo sobre homens educadores na Suécia.

Em algumas entrevistas, Havung (2000) infere que os homens educadores tendem a ser bem recebidos por suas colegas educadoras, mas, ao mesmo tempo, eles tendem a se adaptar às normas já vigentes nas organizações levadas a cabo pelas profissionais de cada grupo, como, por exemplo, deixar as atividades como artesanato e decoração para as suas colegas mulheres.

Estudos em outros países também demonstram que é esperado que os homens educadores oxigenem as práticas realizadas na Educação Infantil, isto é, tragam algo de novo a esse contexto, a partir de uma lógica binária de gênero (BRYAN; BROWDER, 2013; BRYAN, MILTON WILLIANS, 2017; MOOSA; BHANA, 2016, 2018; XU; WANIGANAYAKE, 2018). Essa lógica geralmente se baseia em visões opostas e essencialistas sobre gênero, o que significa que homens e mulheres tendem a apresentar formas distintas de conceberem e experimentarem o mundo, o que os/as levaria a terem e desenvolverem distintas práticas nas relações profissionais estabelecidas com as crianças. Nessa direção, os homens educadores complementariam as características do gênero feminino a partir da oferta de uma variedade maior de atividades e experiências às crianças.

Na África do Sul, por exemplo, homens educadores são vistos como modelos masculinos para crianças que não possuem um pai ou outra figura masculina “de referência” em casa (MOOSA; BHANA, 2016, 2018, 2020). Esses



estudos inferem que o argumento usado para entender o papel do educador homem como modelo para as crianças pode ajudar a desconstruir a imagem do homem sul-africano que tende a cometer violência contra mulheres e contra as crianças em seus lares. Nesse caso, as autoras argumentam que a Educação Infantil se trata de uma importante arena para desconstrução de normas de gênero, na qual homens educadores podem mostrar que eles também podem desenvolver atividades de cuidado com as crianças, constituindo-se, assim, um tipo de “masculinidade cuidadora” (ELLIOTT, 2016).

Scott (1990) comprehende o gênero como uma categoria empírica e analítica atravessada pela raça, classe, orientação sexual, dentre outras. O gênero, então, é uma ferramenta para o reconhecimento dos significados outorgados por cada cultura às diferenças entre os sexos e para o entendimento de como tais sentidos se fazem presentes nas relações entre as pessoas. Deste ponto, considerando que categorias de diferenciação, dentre elas o gênero, interagem em vários aspectos em distintas configurações de desigualdade social, os estudos de gênero têm na interseccionalidade a iniciativa de uma compreensão mais ampla da realidade de múltiplos contextos analisados. Atenta também à necessidade de se observar a interseção do gênero com outras categorias, Stolcke (2000) manifesta que o foco dos estudos de gênero deve localizar-se nas experiências dos sujeitos. Para tanto, não se trata somente de reconhecer a ligação entre os atributos classe, raça, etnia e gênero, mas buscar entender que essa relação origina experiências comuns e diferenças entre as vidas de homens e de mulheres em um mundo em que o global e o local se combinam nas existências.

Assim, nos Estados Unidos, alguns estudos abordam a questão racial em relação aos estudos sobre homens na Educação Infantil (BRYAN; BROWDER, 2013; BRYAN, MILTON WILLIAMS, 2017). Segundo essas pesquisas, até o momento, apenas 2% dos educadores são homens negros, sendo que a maioria prefere trabalhar no ensino fundamental e médio. Em várias regiões de todo o país, instituições educacionais lutam para recrutar e reter homens negros no exercício profissional no campo da educação formal com crianças. Ademais, segundo indicam, a falta de representatividade de educadores negros na Educação Infantil pode ter impacto nas crianças em geral, especialmente nos meninos negros.

Bryan e Browder, (2013) argumentam que educadores negros que possuem características culturalmente relevantes e historicamente representativas em suas comunidades fornecem uma representação de sucesso e realização para os meninos negros. No entanto, essa noção pode ser perdida se suas vozes, experiências e pedagogias forem deixadas fora da base da formação de educadores, o que seria prejudicial aos estudantes em formação, bem como às gerações futuras, no que se refere a perda de possibilidades de ruptura com os padrões de gênero e de ascensão social a filhos de populações mais pobres e/ou negras.

Outros modelos de masculinidades foram abordados em um estudo chinês que assevera que os homens educadores podem beneficiar meninos que estão



na Educação Infantil, vista como marcadamente feminina (XU; WANIGANAYAKE, 2018). Nessa pesquisa, educadores e educadoras entrevistados ressaltam que homens educadores contribuem com características específicas na Educação Infantil como, por exemplo, pelo fato de serem vislumbrados como mais brincalhões e menos rígidos do que suas colegas mulheres. Entretanto, esse argumento pode reforçar a divisão binária de gênero baseada em padrões estereótipos.

Outros estudos tratam a Educação Infantil como um lugar “feminizado” ou “feminino” (DRUDY, 2008; VAN LAERE; VANDEBROECH; ROETS; PEETERS, 2014). Nessa direção, a “feminização” seria explicada com base em dois aspectos distintos: o primeiro, que as mulheres são a maioria nas equipes que trabalham na Educação Infantil e, segundo, que o trabalho em si estaria relacionado ao cuidado. Além disso, o baixo status outorgado às profissionais da Educação Infantil teria uma conexão com o fato de que esse segmento da educação formal seja considerado um trabalho feminino, ou seja, próprio das mulheres (MOOSA; BHANA, 2016; JOSEPH; WRIGHT, 2016).

Algumas pesquisas na Dinamarca e na Noruega mostram que os homens educadores preferem jogos físicos e optam mais frequentemente por ficarem ao ar livre com as crianças em comparação com suas colegas mulheres (EMILSEN; KOCH, 2010; SANDSETER, 2014). Dessa maneira, para os autores, criar ambientes na Educação Infantil com uma abordagem educacional mais ao ar livre seria uma forma de atrair mais homens educadores e criar mais equipes de gênero misto nas escolas. No entanto, conforme aponta Josephidou (2020), esse raciocínio não pode se ater ao gênero dos educadores e educadoras que atuam na Educação Infantil sem oferecer possibilidades de desenvolvimento de competências para todos/as, independente do gênero, com o objetivo de desenvolver habilidades pedagógicas mais flexíveis e diversas, que atendam especialmente às crianças. Nesse sentido, algumas pesquisas mostram que não basta atrair mais homens para atuarem na Educação Infantil, e sim focar na prática pedagógica a partir das quais educadores e educadoras possam trabalhar juntos em uma pedagogia flexível de gênero, cujo foco estaria nas práticas dos educadores. Assim, o foco no trabalho pedagógico não deveria ser colocado em uma posição hierarquizada de acordo com o gênero, ou em enfatizar a necessidade de ter mais homens na Educação Infantil; ambas questões não deveriam ser colocadas de forma separadas ou hierárquicas, e sim de formas complementares, ou seja, deveria se buscar estratégias para atrair mais homens para Educação Infantil e desenvolver um trabalho pedagógico voltado para as questões de gênero. Nesse sentido, profissionais homens e mulheres poderiam oferecer uma variação de papéis de gênero às crianças, no sentido de oportunizar-lhes percepções e vivências cotidianas de que padrões e papéis de gênero não são fixos e vinculados ao gênero dos/as educadores/as (BRODY; GOR ZIV, 2020; WARIN, 2018; WARIN, ADRIANY, 2017; XU; WARIN; ROBB, 2020).

Algumas pesquisas mais recentes têm se dedicado ao trabalho pedagógico de equipes pré-escolares de gênero misto, sem focar em dado gênero dos profissionais (BØRVE, 2017; HUBER; TRAXL, 2018). Nessa direção, alguns



estudos demonstram que equipes de trabalho de gênero misto oferecem mais flexibilidade e desafiam os padrões e papéis tradicionais de gênero. Esse trabalho se refere à pedagogia flexível de gênero que é semelhante à pedagogia de gênero e à pedagogia com consciência de gênero que se desenvolveu na pré-escola sueca (KARLSSON; SIMONSSON, 2011). Isso significa que educadores e educadoras devem estar atentos às questões de gênero e serem mais flexíveis em suas práticas pedagógicas e posições, o que pode levar a desafiar os padrões tradicionais de gênero na Educação Infantil. Entretanto, uma pedagogia flexível de gênero pode ser questionada ante a falta de representatividade de homens nesses grupos. Além disso, há necessidade de mais estudos empíricos, especialmente pesquisas de campo que problematizem mais essa questão da flexibilidade de gênero (ROHRMANN; BRODY, 2015).

Um outro argumento levantado em outros estudos é que a entrada de mais homens educadores contribuiria para aumentar o status da Educação Infantil por meio da profissionalização, com salários potencialmente mais altos e melhores condições de trabalho (ANLIAK; BEYAZKURK, 2008; COUSINS, 2020). Isso significaria elevar o status da Educação Infantil, tornando mais visível o trabalho nesse segmento da educação formal, beneficiando, assim, homens, mulheres e crianças como um todo. Uma crítica a esses argumentos estaria no risco do *glass escalator*¹ na Educação Infantil, pois os homens poderiam se tornar diretores mais rapidamente que e alcançarem posições mais altas em comparação às mulheres (COUSINS, 2020). Ante os argumentos apresentados nesses últimos estudos, podemos asseverar que se trata de uma ideia pautada na masculinidade hegemônica (CONNELL, 1995) pensar que a entrada dos homens elevaria o status e salários de educadores e educadoras da Educação Infantil. Isso tendo em vista, que o trabalho das mulheres e cuidado de crianças pequenas subentende-se como inferior em relação às profissões ocupadas majoritariamente por homens em outras áreas.

4.2 Desconfianças em relação à presença de homens na Educação Infantil

Há destacado número de artigos internacionais que abordam a relação entre a homens educadores e o debate sobre pedofilia (NENTWICH; POPPEN; SCHÄLIN; VOGT, 2013; PRUIT, 2014, 2015; KOCH; FARQUHAR, 2015; PEETERS; RORHRMANN; EMILSEN, 2015; BERGSTRÖM; EIDEVALD; WESTBERG-BROSTRÖM, 2016; BERGSTRÖM; WESTBERG-BROSTRÖM; EIDEVALD, 2018; EIDEVALD; BERGSTRÖM; WESTBERG-BROSTRÖM, 2018; ÅBERG; HEDLIN; JOHANSSON, 2019; MOOSA; BHANA, 2020). A maior parte desses estudos é baseada em entrevistas com educadores/as educadores/as, diretores/as e pais sobre suspeitas de abuso sexual de crianças, principalmente dirigidas aos homens. Pelo demonstrado em tais investigações, essas suspeitas podem

¹ O termo em inglês *glass escalator* se traduz como escada rolante para o português. É uma expressão utilizada para explicar como homens conseguem ocupar cargos de chefia de uma forma mais rápida do que as mulheres.



contribuir para o medo de ser acusado injustamente, o que poderia contribuir para que muitos homens não queiram trabalhar com crianças.

Com base nesses estudos, as suspeitas e preocupações quanto à presença de homens educadores na Educação Infantil pode ser considerada como uma barreira e/ou obstáculo para conseguir implementar a pedagogia flexível de gênero mencionada anteriormente, e uma diversidade de gênero entre os educadores em turmas de pré-escola. Isso porque os homens educadores precisam, de maneira geral, negociar sua identidade, alternando entre lidar com suspeitas de pedofilia e as expectativas de que contribuirão com algo novo para a Educação Infantil (NENTWICH; POPPEN; SCHÄLIN; VOGT, 2013). Para tanto, esses educadores tencionam a apresentar diferentes estratégias para se posicionarem no contexto de Educação Infantil como, por exemplo: enfatizar o discurso da equidade de gênero; enfatizarem que também possuem características vistas como femininas a partir de uma lógica heteronormativa e patriarcal e, especialmente, que detêm os saberes pedagógicos necessários para a docência com crianças (NENTWICH; POPPEN; SCHÄLIN; VOGT, 2013).

Bergström, Eidevald e Westberg-Broström (2016), em uma revisão de estudos sobre artigos publicados entre 2000 e 2015 sobre a relação entre o abuso sexual de crianças e homens educadores que atuam na Educação Infantil sueca, evidenciarem os seguintes resultados: o medo de ser acusado por abuso sexual indica que alguns homens educadores optam por não permanecerem na profissão, visto que, para muitos, as suspeitas podem ter sérias consequências para suas práticas no cuidado de crianças, bem como afetar sua relação profissional com as colegas mulheres, bem como consequências para sua vida como um todo. Os resultados também mostram a tensão em torno do trabalho de proteção às crianças contra o abuso sexual como, tais como a importância de ouvir as crianças e reduzir a possibilidade de falsas acusações; educadores e educadoras que se tornam protetores e a importância da prevenção do abuso sexual na educação de crianças.

Em um estudo da África do Sul, Moosa e Bhana (2020) destacam que a orientação sexual dos homens educadores tende a minimizar o risco de serem considerados potenciais pedófilos. Entrevistas com homens educadores indicam que educadores homossexuais costumam ser mais bem aceitos por outras pessoas porque, segundo elas, estariam mais ligados à feminilidade, característica associada à profissão de educador de Educação Infantil. Isso significa que os homens heterossexuais tendem a ser representados, muitas vezes, como potencialmente violentos e, nesse sentido, podem oferecer risco às crianças, em comparação aos homens homossexuais, o que tende a levar os homens heterossexuais a serem mais desconfiados em relação à profissão. Nessa direção, as pesquisadoras mostram, assim, que o debate sobre a pedofilia também pode estar atrelado a questões sobre sexualidade e gênero.

Um outro estudo sueco, de Bergström, Eidevald e Westberg-Broström (2018), analisa os discursos sobre o abuso sexual de crianças em pré-escolas que apareceram na mídia sueca durante os anos 2014 e 2015 e quais os efeitos que eles podem ter tido nas práticas sociais de educadores homens que



trabalham na Educação Infantil. Os autores, partem do pressuposto que a mídia poderia influenciar a opinião pública em relação as questões de abuso sexual de crianças em pré-escolas. Os resultados mostram que alguns discursos prevaleceram nesse cenário, a saber: o discurso sobre o que seria melhor para as crianças; a pré-escola como um bom lugar para as crianças e a equidade de gênero como um ideal. E ainda que muito se tenha dito sobre a temática, soluções para limitar o abuso sexual infantil raramente são discutidas e veiculadas pela imprensa no país.

Koch e Farquhar (2015) mostram uma tendência semelhante em um estudo na Nova Zelândia e na Áustria, onde diferentes meios de comunicação enfatizam as acusações de abuso sexual de crianças cometido por homens. Por outro lado, a mídia não costuma dar muita ênfase a notícias que destacam boas experiências sobre o trabalho de homens educadores.

Em entrevistas com homens educadores, Eidevald, Bergström e Westerberg Broström (2018) analisam como os pesquisados lidam com os discursos de pedofilia na sociedade. Os pesquisadores vislumbraram que os homens, de maneira geral, lidam com os discursos de maneiras diferentes: evitam fazer certas tarefas que poderiam engendrar, a partir de sua análise, desconfianças de serem vistos como pedófilos. Assim, realizam suas tarefas de forma a prevenir e minimizar suspeitas. Em uma outra perspectiva, os profissionais tendem a não ligar para tais “riscos”, pois, na análise dos pesquisados, todas as tarefas fazem parte de sua função profissional e, assim sendo, devem realizá-las sem se aterem muito sobre o que os outros vão pensar. Os resultados também indicam que os homens educadores não usam os mesmos termos que suas colegas ao se dirigirem às crianças, bem como não têm as mesmas condições para desenvolverem o trabalho pedagógico na Educação Infantil, pois muitas vezes são vistos como provocadores de potenciais riscos às crianças.

Por outro lado, Åberg, Hedlin e Johansson (2019) mostram que as suspeitas de abuso sexual também podem ser dirigidas às mulheres, o que pode causar receio de serem acusadas de assédio em algumas delas. Em uma entrevista com uma educadora recém-formada, ela relata sua ansiedade e receio sobre o estabelecimento de contato físico mais frequente com as crianças, isso devido às suspeitas e discursos de integridade corporal das crianças. Os autores, por outro lado, enfatizam que a discussão sobre abuso sexual, sobre os contatos corporais entre homens educadores e crianças não pode ser compensada também comparando mulheres como riscos potenciais.

Em um estudo etnográfico americano, Pruitt (2014) mostra que homens educadores são representados muitas vezes como suspeitos por parte significativa da comunidade escolar. Desde essa perspectiva, tais olhares os caracterizam como uma ameaça à segurança física e emocional das crianças. Tendem, muitas vezes, a serem vistos como potencialmente violentos, femininos, homossexuais e/ ou pedófilos. A representação de homens vistos como potencialmente suspeitos também contribui para que poucos homens queiram trabalhar na Educação Infantil (PRUIT, 2014). Os educadores homens,



portanto, precisam desenvolver diferentes estratégias para lidar com o problema das suspeitas de pedofilia e o escrutínio de sua sexualidade no contexto de sua práxis profissional.

Em outro estudo do mesmo autor, Pruitt (2015) mostra que eles os homens que trabalham com crianças na educação formal costumam desenvolver diferentes estratégias para contrariar discursos sobre suspeitas de pedofilia e homossexualidade, esta última entendida muitas vezes como desvio. Como estratégias, vários professores entrevistados manifestaram a preferência por trabalharem com crianças mais velhas, assumirem posições subordinadas em comparação com suas colegas do sexo feminino, estabelecerem limites no que se refere ao contato físico com as crianças e, especialmente, desenvolverem algumas práticas de cuidado aos olhos de outras pessoas, como a troca de fraldas, por exemplo. Eles também buscam distanciarem-se da ideia de suposta ameaça, vestindo-se e se comportando como um homem heterossexual estereotipado e usando sua família como um argumento para explicar sua heterossexualidade. A esse respeito, Pruitt (2015) questiona essas estratégias, que são baseadas em normas tradicionais de masculinidade e que podem ter um impacto negativo nos educadores e educadoras, bem como nas crianças – acrescentamos. As educadoras podem reforçar as normas de masculinidade com o desejo de proteger seus colegas do sexo masculino, por exemplo, assumindo o trabalho relacionado ao cuidado com crianças mais novas, enquanto os educadores podem ser limitados em sua prática profissional. Também pode significar que as crianças não tenham muito contato físico e a proximidade com seus professores homens.

O debate sobre abuso sexual de crianças também é algo que ocorre na Dinamarca (MUNK; LARSEN; LEANDER; SOERENSEN, 2013). Em um estudo dinamarquês com educadores e educadoras que atuam na Educação Infantil buscou examinar seus pensamentos sobre o risco de serem acusados de pedofilia, as suspeitas de outras pessoas e possíveis mudanças em seu comportamento em relação às crianças. Os resultados destacaram uma forte tendência de as suspeitas serem dirigidas principalmente aos homens, ao mesmo tempo que tanto as mulheres quanto os homens buscam minimizar o contato físico com as crianças na Educação Infantil a fim de evitar interpretações equivocadas que possam trazer algum ruído ou comprometimento para suas vidas pessoal e profissional. Segundo os autores, 81,0% dos homens educadores pesquisados acreditam que há risco de serem acusados de pedofilia, em comparação com 39,1% das educadoras. Os resultados mostram também que o medo de os educadores, homens e mulheres, serem acusados de abuso sexual traz consequências para o cuidado das crianças a ser levado a cabo pelos educadores, homens e mulheres, na sociedade dinamarquesa, o que tem contribuído para que as pré-escolas criem rotinas especiais para os educadores e educadoras com o objetivo de proteger as crianças contra o abuso sexual. Entretanto, um dos riscos dessas medidas, conforme alerta dos referidos autores, é que as crianças não recebam os cuidados de que precisam nas diversas situações na Educação Infantil.



5. Considerações finais

A revisão dos estudos busca contribuir para a compreensão sobre as possibilidades e desafios que homens educadores podem encontrar na Educação Infantil. As questões em comum abordadas nos estudos apresentados apontam que a presença de homens educadores na Educação Infantil gera expectativas e desconfianças. No entanto, a falta de mais estudos que abordem e aprofundem a temática torna difícil obter, no momento, uma compreensão mais ampla sobre as implicações pedagógicas na aprendizagem e no desenvolvimento das crianças e sua construção de gênero em relação a presença de homens educadores na Educação Infantil. Assim, os resultados sugerem que é necessária a realização de mais estudos sobre a temática, visando compreender como se apresenta na prática o trabalho pedagógico na Educação Infantil. Ao mesmo tempo, estudos com a observação como método podem olhar para o impacto do gênero na prática cotidiana quando equipes mistas trabalham juntas nos grupos de crianças.

REFERÊNCIAS

ÅBERG, Magnus; HEDLIN, Maria; JOHANSSON, Caroline. Preschool anxieties: constructions of risk and gender in preschool teachers' talk on physical interaction with children. **Journal of Early Childhood Research**, v. 17, n. 2, p. 104–115, 2019.

ANLIAK, Sakire; BEYAZKURK, Derya Sahin. Career perspectives of male students in early childhood education. **Educational Studies**, v. 34, n. 4, p. 309-317, 2008.

BENGSSON, Mariette. How to plan and perform a qualitative study using content analysis. **NursingPlus Open**, n. 2, p. 8–14, 2016.

BERGGREN, Kalle. Maskulinitetsteorier i förändring: nya begrepp, nya tolkningar. In: Axelsson, Tobias. K; Wetterberg, Tomas. (Org.), **Socialmedicinsk Tidskrift**, v. 97, n. 2, p. 187-198, 2020.

BERGSTRÖM, Helena.; EIDEVALD, Christian; WESTBERG-BROSTRÖM, Anna. Child sexual abuse at preschools - a research review of a complex issue for preschool professionals. **Early Child Development and Care**, v. 186, n. 9, p. 1520-1528, 2016.

BERGSTRÖM, Helena; WESTBERG-BROSTRÖM, Anna; EIDEVALD, Christian. Swedish media discourses about child sexual abuse in preschools: the best interest of the child and continued trust in male teachers. **Early Child Development and Care**, v. 190, n. 12, p. 1-9, 2018.



BJARNEGÅRD, Elin; MURRAY, Rainbow. Critical Perspectives on Men and Masculinities in Politics: Introduction. **Politics & Gender**, v. 14, n. 2, p. 264-265, 2018.

BØRVE, Hege Eggen. Men in kindergartens: work culture and gender. **Early Child Development and Care**, v. 187, n. 7, p. 1083-1094, 2017.

BRODY, David L.. The construction of masculine identity among men who work with young children, an international perspective. **European Early Childhood Education Research Journal**, v. 23, n. 3, p. 351-361, 2015.

BRODY, David L; GOR ZIV, Haggith. Hybridized agency among male early childhood workers as a factor in their career decisions. **Early Years**, v. 40, n. 1, p. 20-36, 2020.

BRYAN, Nathaniel; BROWDER, Jamison K. Are you sure you know what you're doing? The lived experiences of a Black male kindergarten teacher. **International Journal of Teaching and Learning**, v. 3, n. 3, p. 142-158, 2013.

BRYAN, Nathaniel; MILTON WILLIAMS, Toni. We need more than just male bodies in classrooms: Recruiting and retaining culturally relevant Black male teachers in early childhood education. **Journal of Early Childhood Teacher Education**, v. 38, n. 3, p. 209-222, 2017.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. RJ: Ed. Civilização Brasileira, 2003.

CONNELL, Raewyn. **Maskuliniteter** (2. uppl. ed.). Göteborg: Daidalo, 1995.

COUSINS, Thomas Anthony. Collegiality vs role models: gendered discourses and the "glass escalator" in English primary schools. **Early Years**, v. 40, n. 1, p. 37-51, 2020.

DE LAURETIS, Teresa. A tecnologia de gênero. In: HOLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). **Tendências e impasses: o feminismo como crítica cultural**. Rio de Janeiro, Rocco, 1994.

DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO SUECO. **Läroplan för förskolan**. Stockholm: Skolverket.. Disponível em <https://www.skolverket.se/undervisning/forskolan/laroplan-for-forskolan> (Acesso 2021-12-29, 2018)

DRUDY, Sheelagh. Gender balance/gender bias: The teaching profession and the impact of feminisation. **Gender and Education**, v. 20, n. 4, p. 309-323, 2008.



EIDEVALD, Christian; BERGSTRÖM, Helena; WESTBERG-BROSTRÖM, Anna. Maneuvering suspicions of being a potential pedophile: Experiences of male ECEC-workers in Sweden. **European Early Childhood Education Research Journal**, n. 26(3), 407-417, 2018.

EDSTRÖM, Charlotta. Pedagogues' Constructions of Gender Equality in Selected Swedish Preschools: A qualitative study. **Education Enquiry**, v. 5, n. 4, p. 535-559, 2014.

EDSTRÖM, Charlotta; BRUNILA, Kristiina. Troubling gender equality: Revisiting gender equality work in the famous Nordic model countries. **Education as Change**, v. 20, n. 1, p. 10-27, 2016.

ELLIOTT, Karla. Caring Masculinities. **Men and Masculinities**, v. 19, n. 3, p. 240-259, 2016.

EMILSEN, Kari; KOCH, Bernhard. Men and women in outdoor play – changing the concepts of caring findings from Norwegian and Austrian research projects. **European Early Childhood Education Research Journal**, v. 18, n. 4, p. 543-553, 2010.

HAVUNG, Margareta. **Anpassning till rådande ordning. En studie av manliga förskollärare i förskoleverksamhet.** (Doktorsavhandling, Institutionen för pedagogik). Malmö: Lärarhögskolan i Malmö, 2000.

HEARN, Jeff. From Hegemonic Masculinity to the Hegemony of Men. **Feminist Theory**, v. 5, n. 1, p. 49-72, 2004.

HEARN, Jeff; PRINGLE, Keith. Men, masculinities and children: Some European perspectives. **Critical Social Policy**, v. 26, n. 2, p. 365-389, 2006.

HUBER, Johannes; Traxl, Bernd. (2017). Pedagogical differences and similarities between male and female educators, and their impact on boys' and girls' behaviour in early childhood education and care institutions in Austria. **Research Papers in Education**, v. 33, n. 4, p. 452-471, 2017.

JOSEPH, S.; WRIGHT, Z.. Men as Early Childhood Educators: Experiences and Perspectives of Two Male Prospective Teachers. **Journal of Education and Human Development**, n. 5, 2016.

JOSEPHIDOU, Jo. A gendered contribution to play? Perceptions of Early Childhood Education and Care (ECEC) practitioners in England on how their gender influences their approaches to play. **Early Years**, v. 40, n. 1, p. 95-108, 2020.



KARLSSON, Ingrid; SIMONSSON, Maria. A question of gender sensitive pedagogy: – discourses in pedagogical guidelines. **Contemporary Issues in Early Childhood**, v. 12, n. 3, p. 274–283, 2011.

KOCH, Bernhard; FARQUHAR, Sarah. Breaking through the glass doors: Men working in early childhood education and care with particular reference to research and experience in Austria and New Zealand. **European Early Childhood Education Research Journal**, v. 23, n. 3, p. 380-391, 2015.

MISTRY, Malini; SOOD, Krishan. Why are there still so few men within Early Years in primary schools: views from male trainee teachers and male leaders? **Education**, v. 43, n. 2, p. 115–127, 2015.

MOHER, David; LIBERATI, Alessandro; TETZLAFF, Jennifer; ALTMAN, Douglas G.. The PRISMA Group. Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses: The PRISMA Statement. **PLoS Med**, v. 6, n. 7, 2009.

MOOSA, Shaaista; BHANA, Deevia. Men managing, not teaching Foundation Phase: teachers, masculinity and the early years of primary schooling. **Educational Review**, v. 69, n. 3, p. 366-387, 2016.

MOOSA, Shaaista; BHANA, Deevia. They Won't Take You as a Man, as a Real Man' Why Men Can't Teach Young Children in Foundation Phase. **International Journal of Inclusive Education**, v. 22, n. 6, p. 577–593, 2018.

MOOSA, Shaaista; BHANA, Deevia. (2020). Masculinity as care: men can teach young children in the early years. **Early Years**, v. 40, n. 1, p. 52-66, 2020.

MUNK, Karen P.; Larsen, Per Lindsoe; LEANDER, Else-Marie Bush; SOERESEN, Kurt. Fear of child sex abuse: Consequences for childcare personnel in Denmark. **Nordic Psychology**, v. 65, n. 1, p. 19–32, 2013.

NENTWICH, Julia C.; POPPEN, Wiebke; SCHÄLIN, Stefanie; VOGT, Franziska. The same and the other: Male childcareworker managing identity dissonance. **International Review of Sociology**, v. 23, n. 2, p. 323-345, 2013.

NORDBERG, Marie. Forskning om män och maskulinitet. **Sociologisk forskning**, v. 41, n. 3, p. 11–18, 2004.

NORDBERG, Marie. Jämställdhetens spjutspets? Manliga arbetstagare i kvinnoförorten, jämställdhet, maskulinitet, femininitet och heteronormativitet. Göteborg: **Etnologiska institutionen**, Univ., Arkipelag, 2005.

OECD. Good Practice for Good Jobs in Early Childhood Education and Care, **OECD Publishing**, Paris, <https://doi.org/10.1787/64562be6-en>, 2019.



PASCOE, Cheri Jo.; BRIDGES, Tristan. Exploring masculinities: Identity, inequality, continuity and change. New York: **Oxford University Press**, 2016.

PEETERS, Jan. Can research realise a bit of utopia? The impact of action research on the policy of childcare in Flanders. **Early Years**, v. 33, n. 3, p. 318-330, 2013.

PEETERS, Jan; ROHRMANN, Tim; EMILSEN, Kari. Gender balance in ECEC: Why is there so little progress? European Early Childhood Education. **Research Journal: Gender Balance in the ECEC Work Force**, v. 23, n. 3, p. 302-314, 2015.

PRUIT, John C. Preconstructing Suspicion and Recasting Masculinity in Preschool Settings. **Qualitative Research in Education**, v. 3, n. 3, p. 320-344 2014.

PRUIT, John C. Preschool Teachers and the Discourse of Suspicion. **Journal of Contemporary Ethnography**, v. 44, n. 4, p. 510-534, 2015.

ROHRMANN, Tim; BRODY, David L.. Questioning methodologies in research on men in ECEC. **European Early Childhood Education Research Journal**, v. 23, n. 3, p. 405-416, 2015.

SANDSETER, Ellen Beate Hansen. Early childhood education and care practitioners' perceptions of children's risky play; examining the influence of personality and gender. **Early Child Development and Care**, v. 184, n. 3, p. 434-449, 2014.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In **Educação e realidade**. Porto Alegre, n. 16, p. 5-19, 1990.

SOUZA, Ricardo Gonçalves de; SILVA, Weslei Lopes da. Profissionais de Educação Infantil na Suécia: limites e possibilidades de compartilhamento de tarefas entre homens e mulheres. **Zero-a-Seis**, v. 22, n. 42, p. 341-366, 2020.

STOLCKE, Verena. ¿Es el sexo para el género lo que la raza para la etnicidad... y la naturaleza para la sociedad? **Política y Cultura**, n. 14, p. 25-60, 2000.

SUMSION, Jennifer. Negotiating Otherness: A male early childhood educator's gender positioning. **International Journal of Early Years Education**, v. 8, n. 2, p. 129-140, 2000.

VALE DE ALMEIDA, Miguel. Corpo presente: antropologia do corpo e da incorporação. In: VALE DE ALMEIDA, Miguel. **Corpo presente: treze reflexões antropológicas sobre o corpo**. Portugal: Celta, 1996.



VAN LAERE, Katrien; VANDENBROECK, Michel; ROETS, Griet; PEETERS, Jan. Challenging the feminisation of the workforce: Rethinking the mind-body dualism in Early Childhood Education and Care. **Gender and Education**, v. 26, n. 3, p. 232-245, 2014.

WALING, Andrea. Rethinking Masculinity Studies: Feminism, Masculinity, and Poststructural Accounts of Agency and Emotional Reflexivity. **The Journal of Men's Studies**, v. 27, n. 1, p. 89-107, 2019.

WARIN, Jo. Pioneers, professionals, playmates, protectors, 'poofs' and 'paedos': Swedish male pre-school teachers' construction of their identities. In: Brownhill, Simon; Warin, Jo; Wernersson, Inga (Orgs.), **Men, Masculinities and Teaching in Early Childhood Education**. Ed. Routledge, p. 95-105, 2016.

WARIN, Jo.; ADRIANY, Vina. Gender flexible pedagogy in early childhood education. **Journal of Gender Studies**, v. 26, n. 4, p. 375-386, 2017.

WARIN, Jo. **Men in Early Childhood Education and Care**. London. Ed: Palgrave Macmillan, 2018.

WERNERSSON, Inga. In: BROWNHILL, Simon; WARIN, Jo; WERNERSSON, Inga (Orgs.), **Men, masculinities and teaching in early childhood education: International perspectives on gender and care**. Ed: Taylor and Francis, p. 13-25, 2016.

XU, Yuwei; WANIGANAYAKE, Manjula. An exploratory study of gender and male teachers in early childhood education and care centres in China. **Compare**, v. 48, n. 4, p. 518-534, 2018.

XU, Yuwei; WARIN, Jo; ROBB, Martin. Beyond gender binaries: pedagogies and practices in early childhood education and care (ECEC). **Early Years**, v. 40, n. 1, p. 1-4, 2020.

Recebido em: 30 de dezembro de 2021.
Aceito em: 08 de abril de 2022.
Publicado em: 27 de maio de 2022.

